



Foto Vicente Costa

Chicos

20

Abril 2009

Cata  Letras
E D I T O R A

Veja a nossa poesia em:

<http://chicoscataletras.blogspot.com/>

Fale conosco:

chicos.cataletras@hotmail.com

Um dedim de prosa

Esta edição deveria estar rodando em março, que tanto quanto fevereiro - com o carnaval e tudo - já é passado. Estamos em abril, mês do centenário de nascimento de Francisco Inácio Peixoto. Lá em fevereiro com muito samba e carnaval comemorou-se o centenário de Carmem Miranda, a homenageamos republicando um texto de Antonio Jaime. Voltamos a metralhar nossas palavras pela casa da Rua Alferes. Lembremos-nos também de Virginia Woolf.

No dia 28 de março de 1941, após ter um colapso nervoso Virginia Woolf suicidou-se. Ela vestiu um casaco, encheu seus bolsos com pedras e entrou no Rio Ouse, afogando-se. Seu corpo só foi encontrado no dia 18 de abril. Em seu último bilhete para o marido, Leonardo Woolf, Virginia escreveu:

"Querido,

Tenho certeza de estar ficando louca novamente. Sinto que não conseguiremos passar por novos tempos difíceis. E não quero revivê-los. Começo a escutar vozes e não consigo me concentrar. Portanto, estou fazendo o que me parece ser o melhor a se fazer. Você me deu muitas possibilidades de ser feliz. Você esteve presente como nenhum outro. Não creio que duas pessoas possam ser felizes convivendo com esta doença terrível. Não posso mais lutar. Sei que estarei tirando um peso de suas costas, pois, sem mim, você poderá trabalhar. E você vai, eu sei. Você vê, não consigo sequer escrever. Nem ler. Enfim, o que quero dizer é que depositei em você toda minha felicidade. Você sempre foi paciente comigo e incrivelmente bom. Eu queria dizer isto - todos sabem. Se alguém pudesse me salvar, este alguém seria você. Tudo se foi para mim mas o que ficará é a certeza da sua bondade. Não posso atrapalhar sua vida. Não mais. Não acredito que duas pessoas poderiam ter sido tão felizes quanto nós fomos. V."

Um poema

*Francisco Inácio Peixoto

Publicado em O Jornal – domingo 08 de abril de 1945

Na ponta da rua precisamente suburbana
um homem sofre de angina-pectoris
[e morre.

Para vós que não o conheceste
É mister, em lágrimas no entanto
[insofismáveis,

Baluciar este nome: Mário.

Ai! não me pergunteis mais nada
que ao verso meu, duro e esquivo,

traria um urgente insulto, a palavra áspera.

Deixai que chore, embora continueis
[ignorando.

Deixai que relembre e chore.

Mas apressai-vos também não vos detendes se
[quiserdes

guardar o último gesto das mãos enormes,
o último sorriso da boca enorme

Na Rua Lopes Chaves um número se dissolve,
uma casa se dissolve na bruma paulistana.

Das paredes somem-se quadros, os livros
[desaparecem

das paredes imponderáveis.

Em frente, a máquina portátil ainda guarda a

[palpitação da última poesia ou talvez derradeira
carta.

Se subirdes a escada estreita, vereis depois que
não [há mais escada

só o tropear dos pés aflitos, e as caras que
[indagam sem compreender.

Tudo se evola, mas permanece em nevoa espessa
[a angústia impressentida

e dois sonos subitamente desamparados do amor
[enorme

das mãos enormes.

A hora morta a paisagem submarina

recebe em seu seio como uma estranha flor de
coral

o caixão imenso que flutua,

que flutua na concha noturna de algas desfeitas.

Solitário é agora nosso passo na Rua do
[Gazômetro.

Solitária e triste é nossa sêde nos bares insones.

Embarquemos na Estação da Luz ou na Estação
[do Norte

que norte não há mais, nem luz
para o nosso súbito deserto.

*Francisco Inácio Peixoto (05.04. 1909 – 08.01.1986)

Autor de *Meia Pataca* - com Guilhermino César, *Dona Flor, Passaporte proibido, A janela e Chamada geral*

Na trilha sonora de Carmen

*Antonio Jaime

O livro de Ruy Castro é ótimo e melhor ainda foi ouvir os comentários de Lelê, que decorou as tiradas de Ruy sobre ela e outras celebridades. Lelê vai fundo, tem um faro muito aguçado para certas fraquezas humanas. E eu viajei, até porque o livro é uma aula sobre a “época de ouro” da MPB. Dé-lícia, menos a vida íntima, tão sofrida, de Carmen.

Não ser feliz tudo explica, diria Drummond, mas ela não precisava ser tão desinfeliz (aí já é Bandeira). E deu bandeira porque, ao contrário de Aurora (que, entre outras, lhe disse para se casar sem estar de todo apaixonada), não era chegada à leitura. Aurora por certo leu Jane Austen, que disse que em 80% dos casos a mulher deve demonstrar mais entusiasmo do que realmente sente. Isto posto, bonito o afeto de Carmen por, por exemplo, Sinval Silva, que tive o prazer de conhecer. E como tenho uma irmã Elza Soares, também tenho um primo Sinval Silva - lembrava-me deles ao ouvir seus nomes no rádio, anos 50.

Corta para os anos 70, casa de uma professora de piano, na Tijuca. Fomos lá, Roberto Moura, Luzia, Maria Alcina e eu. A professora estava fazendo um abaixo-assinado para dar o nome de Sinval à rua em que ele morava, ali perto. E lá estava o próprio e Tica, sua mulher. Inicialmente, ele cantou a música que compôs sobre uma letra de Roberto, da qual só me lembro que a professora implicou com uma palavra, sacana, perguntando se não seria bacana. Era sacana mesmo, palavra que, na Tijuca, choca mais do que em Minas Gerais. Cantou também outra inédita, que Alcina prometeu gravar e ficou na promessa. Engraçada, sobre a malandragem da fêmea do godério, que põe ovos no ninho da tica-tica (neologismo que utilizou na letra, piscando os olhos para sua Tica, ao cantar), provocando ciúmes no tico-tico, uma insinuação de adultério. Inocente e brejeira, bem Carmen.

E que ele apresentou de novo num boteco tijucano, dando canja, ao lado de seus pequenos grandes sucessos. Por aquela época ele voltou um pouco à tona porque Caetano Veloso cantou na TV *Adeus, batucada* e Clara Nunes gravou *Ao voltar do samba*. E o vi de novo numa daquelas segundas-feiras no teatro Opinião, regidas por Clementina, Cartola e Nelson Cavaquinho, nos 80 anos de Donga (perguntado sobre o que achava de fazer 80 anos, Donga foi lacônico: “Uma bobagem como outra qualquer”). Sinval compôs pouco, tanto que Carmen pagava para ele produzir, mas excelente melodista, uma das grandes dádivas de Juiz de Fora à cultura brasileira. E, a propósito, volto a perguntar: que grande artista nasceu em Belo Horizonte? Aguardo respostas. BH não é um claro enigma.

Conheci também Gabriel Richaid, marido de Aurora, que trabalhava na Servix, meu primeiro emprego no Rio. Perguntei a um colega o que ele fazia lá. “É um cavador”, foi a resposta. Presumo que, bem-relacionado, fizesse contatos na alta roda, pois a Servix jogava pesado, obras para a Petrobras e aquela viadutagem da avenida Niemeyer, entre outras, na época. Antes, prédios imponentes como o da Central, o do Ministério da Guerra e aquele que parece cenário “grego” para chanchadas da Atlântida, o do Ministério da Fazenda, na avenida Antônio Carlos. Coisa do Estado Novo, Getúlio dando uma de Mussolini.

Nos agradecimentos, Ruy Castro cita nosso amigo Jorge Roberto, filho de Roberto Martins, gravado por Carmen. E, lá dentro, ele insinua que Noel Rosa não morria de amores por la Miranda. Confirmei depois num mini-livro de João Antônio sobre o próprio. Certa vez, Aracy de Almeida cantou para ele música de outrem e Noel perguntou: “Isso é samba ou é aquela coisa que a Carmen Miranda canta?”. Eles, os craques, que se entendam.

*Antonio Jaime Soares (Cataguases – MG)

Os últimos dias de março

*Eric Ponty

Dá-nos alento ao perceber
que em alguma parte do mundo
devem existir pessoas corretas
pela honra e civilidade abrolhada
um jovem ou rapaz que nunca leu
Rilke ou desconheça-se deste lirismo:

Que acredite liberdade ser possível,
liberdade não: por ser em muitos lugares,
não tenha única verdade, esta sua,
do princípio adquirido pelos humanos,

O rapaz está ali de pé entre as flores,
resmungando em sua juventude,
pronuncia-se à vista deste mundo,
sonha em seu sonho um sonho frágil,
não o conflito da Palestina ou Botsuana,
ou qualquer outro denominado medo
onde este céu verteu-se em morte;
onde as flores inclinam-se ao direito
perfumes, texturas azuis, manhãs alvas:

Que acredite ser o dom natural seu,
de médico, poeta, artesão, ascensorista,
porque é dele este sonho icario;
não meu por não mais ter vago sonho,
pela honra e civilidade embotada
acredite existir pessoas virtuosas,
um jovem ou rapaz que nunca leu
Rilke ou desconheça-me no lirismo.

*Eric Ponty (São João del Rey –MG)

Duas rodas



*Felipe Fortuna

Saio por aí pedalando: a bicicleta é meu veículo ideal. Duas rodas que me transportam pelo verão e riscam no solo, sem controle, uma sucessão de símbolos do infinito. Assim passo, vento no rosto, e o corpo a comandar a máquina, finalmente.

Andar de bicicleta é um instante, sempre um instante. Numa curva ou numa reta, descobre-se no tempo aquele dia no qual foi possível manter o equilíbrio pela primeira vez. Aos poucos, deixa-se de prestar atenção nas rodas, no caminho e nos mecanismos – e surge a paisagem, acompanhada de outros ciclistas, como lembra uma balada de Vinicius de Moraes na qual passam

Enxames de namoradas

Ao sol de Copacabana

Centauresas transpiradas

Que o leque do mar abana!

Há muito tempo busco o ar livre dos fins de semana. Em Londres, as estações mais quentes vêm acompanhadas de roteiros bem planejados que ensinam a atravessar bosques, beiras de rios, pequenas cidades e vilarejos. Em solidariedade, já me juntei a mais de mil ciclistas e chegamos a Brighton, a Oxford, a Cambridge, com paradas em *pubs* e interrupções humanistas para socorrer uma bicicleta com pneu furado ou reparar uma correia arrebentada. Em Moscou, cidade com trânsito agressivo e sem cultura ciclística, apenas sigo às margens do rio até o parque da Universidade, e ali faço as curvas que me levam ao parque Gorky, de onde, apreensivo, volto para casa.

No Rio de Janeiro é mais simples: a palavra orla, por si, estimula o passeio à bicicleta, como um antigo poema concreto que ainda rola. Ovo no velho. Velocidade. Agora se pode pedalar pela cidade com a nova oferta pública de bicicletas, excelente idéia inspirada pelo sistema Vélib, que reinaugurou o ciclismo pelas ruas de Paris. É uma opção a mais, a ser exercida nos dias de calor.

Se chover muito, porém, então fico em casa e uso as férias para ler sobre bicicletas, outra forma de conhecê-las e de comandá-las. Coincidentemente, os livros que guio são todos franceses, embora comentem a paixão generalizada de manter o equilíbrio sobre duas rodas. Marc Augé acaba de publicar *Éloge de la Bicyclette* (Payot & Rivages, 88 p., 11 euros), pequeno manual de prosa poética no qual descobre o óbvio: não se pode falar de bicicleta sem falar de si mesmo e do corpo. A bicicleta impõe “uma nova autonomia” a quem apenas caminha, que se prolonga, como a natação, na memória mais íntima do sujeito – pois, uma vez ciclista, sempre ciclista.

Como se estivesse numa descida suave, gosto muito do trecho no qual Marc Augé relaciona a bicicleta à escrita automática dos surrealistas, ao mesmo tempo em que, sem esbarrar na contradição, também reconhece que o passeio pode ser uma “meditação mais construída, mais elaborada e sistemática” através de lugares selecionados previamente com erudição.

Ele sabe, como poucos, que o sonho do ciclista é se sentir na terra como o peixe dentro d’água.

Menos diletante, menos utópico – porém, muito intenso e muito informado – é o livro de Éric Fottorino, de título quase igual ao outro: *Petit Éloge de la Bicyclette* (Gallimard, 135 p., 2 euros). O autor em apreço vem a ser diretor do diário *Le Monde*, e equilibra ciclismo e jornalismo. Ele escreve que a bicicleta é “um jogo de criança que dura muito tempo” e, algo melancólico, confessa que a competição, para ele, relaciona-se com a necessidade de “retardar o instante do crepúsculo”. No centro de sua fascinação com o ciclismo está o Tour de France, a mítica disputa criada em 1903. As competições exibem proporções de um épico, com passagens pela vida, pela paixão e pela morte: a ciclovía transformada em *via crucis*. Nesse cenário tonitroante, assume o primeiro plano o belga Eddy Merckx, que ganhou 525 corridas as mais variadas ao longo de sua carreira. Tão *fominha* por vitórias que ganhou o apelido de Canibal. O ciclismo, esporte tão exigente quanto o boxe, atraiu escritores como Dino Buzzati, afinal convencido de que a disputa entre dois corredores tinha a mesma força da luta entre Aquiles e Heitor.

Exausto após a leitura sobre tantos heróis que ultrapassaram os Pirineus e as altitudes alpinas ao longo de mais de 3 mil quilômetros – entre quedas, traições e suspeitas de dopagem –, volto a passear de bicicleta com os desenhos de Sempé em *Simple Question d’Équilibre* (1977). Ali está um mundo quase sempre solitário, a menos que a pessoa amada esteja na garupa ou na barra dianteira, próxima ao guidom. Um mundo sem tombos e sem palavras, no qual a pessoa apenas se desloca com prazer no espaço e no tempo. É assim mesmo que me sinto, como se fosse um outro: quando me vêem ou me apontam, apenas sinalizo que sigo em frente, um cara estável até prova em contrário.

*Felipe Fortuna (Rio de Janeiro – RJ)

Qual o verso?

*Zeca Junqueira

O que pode mais:
o beija-flor ou o avião de guerra
a flor ou a bala
o beijo ou o soco
a passeata calada de branco ou
o chute gritado da rebelião?

O que realmente pode mais há muito,
muito tempo
o que pode mais?

Às vezes me sinto tentado a trocar a caneta com a
qual escrevo
(por vocação ou covardia, não sei)
por algo mais convincente – e contundente:
um porrete, por exemplo.

*Zeca Junqueira (Cataguases – MG)

Mulheres de passado e Homens de futuro

*Cunha de Leiradella

Andréa era recepcionista, mas não gostava de pessoas. Ana Carolina era corretora, mas não gostava de vendas. André era médico, mas não gostava de doenças. Eduardo era jornalista, mas não gostava de notícias. Moravam em Belo Horizonte. Andréa e Ana Carolina no mesmo bairro, e André e Eduardo em bairros diferentes. Conheceram-se na Casa dos Contos, numa sexta-feira de noite. Andréa comendo batata frita com ketchup, Ana Carolina, frango à passarinho, André, peixe ao molho branco, e Eduardo, salaminho e azeitonas. Sentaram na mesma mesa por acaso. Andréa vinda do hotel, Ana Carolina, da companhia de seguros, André, do hospital, e Eduardo, sem destino.

O restaurante estava cheio. Andréa chegou primeiro e Ana Carolina não tinha onde sentar. André jurou que já as conhecia e Eduardo esbarrou na mesa, sem querer. Andréa sorriu e disse que era a força do destino, e arrumou mais um lugar. Gostaram de se encontrar e fizeram confidências. Andréa, nascida em junho, em Santa Lúcia, queria ser cantora. Ana Carolina, nascida em setembro, na Savassi, queria ser atriz. André, nascido em maio, em Itabira, queria ser violonista. Eduardo, nascido em novembro, em Portugal, não sabia.

Falaram do passado e do futuro, e resolveram prolongar aquele encontro. Andréa leu as mãos e fez horóscopos, e Ana Carolina quis saber onde moravam. André falou da fazenda, em Itabira, e Eduardo escutou, silencioso. Andréa gostava de cavalos e de matas, e Ana Carolina morava só e não tinha namorado. André sorriu e achou ótimo, e Eduardo ficou triste e pediu vinho.

Andréa brindou a Câncer e a Gêmeos, e ao seu perfeito entendimento, e lamentou o medo que Libra sempre tem do imperioso e angustiado Escorpião. Ana Carolina brindou aos homens de futuro e afirmou, seriamente, que os opostos sempre acabando atraídos. André sorriu e achou ótimo, e Eduardo tentou adivinhar a cor dos sutiãs.

Terminaram a noite com duas garrafas de vinho português. Andréa cantou Travessia e André fez do tampo da mesa um violão. Ana Carolina lamentou a miséria dos sem-terra e a violência dos pivetes, e foi ao banheiro vomitar. Eduardo rebateu o vinho com conhaque e pensou nos seios de Andréa nus, caídos num lençol.

Festejaram o fim do ano em Cabo Frio e passaram um fim de semana na fazenda de André, em Itabira. Voltaram a Belo Horizonte bem queimados e Andréa casou com André no mês de maio. Eduardo embebedou-se na Casa dos Contos e não foi ao casamento e morreu atropelado na Avenida Afonso Pena nessa noite, e Ana Carolina

desenvolveu dons mediúnicos e apaixonou-se por um colega de trabalho, aquariano e malcasado.

Naquele ano, o Brasil foi campeão de Fórmula 1, sem disputar a última das corridas, e Mikhail Gorbachev publicou Perestroika, sem prever a derrocada.

*Cunha de Leiradella (Póvoa de Lanhoso Portugal)

Guerras de imperio

*Eduardo Dalter

El objetivo en las guerras
posmodernas,
acaso entre las más bárbaras
que la historia
reconozca, son los barrios,
los mercados,
las bibliotecas y la gente
sencilla
de la calle. Se vio en
Irak
trizada y martirizada,
con sus centenaes
de miles de muertos
y sus escombros
aún calientes. Y se ve en
la Franja
de Gaza, donde el objetivo,
a decir
por las cifras de la sangre
y de la muerte,
fueron los niños, por sobre
todo,
las escuelas ya de polvo
y las familias,
en camino al abismo, o al
baldío
del mundo, que los bárbaros
han venido
tejiendo en cerco y fuego
hasta hoy.

*Eduardo Dalter (Buenos Aires – ARG)

Ser a tempo e hora

*Emerson Teixeira

Tempo dentro de outro tempo

Viver essa procura insana

Onde estou mais pronto?

Onde me encontro?

Mas, vivo, até que ponto?

Ser a tempo e hora.

Se me procuro

vivo ou morro?

Onde em mim?

Manhã, quem em mim desperto?

Noite, quem em mim adormeço?

Do espelho só imagem

eu quem somos?

Quem dos olhos me olho?

*Emerson Teixeira Cardoso (Cataguases – MG)

Roberta Lima e seu disco

*Vanderlei Pequeno



Uma beleza o disco da cataguasense Roberta Lima!

Roberta é de família de músicos e não dá uma nota fora: manda ver, canta muito, não destoa, tem suingue, voz nasalada na medida ideal e muito domínio da arte do pentagrama. É portadora da carteirinha de sócia efetiva do seletto clube da música juizforana. E passa a régua na conta, acompanhada pelo parceiro e companheiro Dudu Viana, o nosso maestro, filho do Edinho da Guitarra: aquele mesmo, o dono da boa música nas noites da nossa urbe.

Em harmonia com os arranjos de Dudu, Roberta dá o show do primeiro ao último acorde, do princípio ao fim do

disco. Começa com *Rapaz de bem*, samba de Johnny Alf, de 1953, um dos precursores da Bossa Nova; segue cantando em dueto com o guitarrista e cantor Ricardo Dinis, na canção *How Will I Know*, do cego e visionário Steve Wonder. Dinis, com sua voz semelhante à do astro, destila, junto com o solo de sua guitarra, um solfejo só possível aos músicos de alto nível.

Em *Estate* (B. Martino e B. Brighetti), Roberta corre o risco de levar a nocaute os fracos diante do amor, os susceptíveis a um samba dolente. Então, que se preparem os espíritos distraídos, os perdidos, aqueles que se encharcam de poesia e “se rasgam” nas noites vadias, os arrebatados! Aviso também que, nessa faixa, o piano de Duda transporta Roberta - que canta num sedutor italiano - a um doce intimismo que nos atinge cheio nas vísceras. O solitário solo de sax de Walmer Carvalho, no andar da melodia também é de cortar a alma! Arre!

O disco traz ainda canções históricas, como *Upa Nequinho*, de Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri, *Summertime*, de Gershwin e *The Way You look Tonight*, de Jerome David Kern. As duas últimas, só para causar frisson nos que gostam do bom jazz; Djavan comparece com sua já conhecida *Milagreiro*; Aldir Blanc e Moacir Luz exportam música do Rio para Minas e levantam a bola para Roberta marcar de placa no samba *Paris, de Santos Dumont aos travestis*.

Abro o parágrafo para falar do encerramento do disco. Nesse momento, Roberta se supera na interpretação, junto com o instrumental solo, da canção *Spain*, de um dos maiores do jazz norte-americano: Chick Corea. Sobre a obra, quem me dá a referência é o pianista e amigo, Aloísio Condé: “Há vários intérpretes (solo) da música de Joaquim Rodrigo, que faz parte do *Concierto para Aranjuez*, que veio a dar origem à espetacular *Spain*, de Chick Corea. Sei que Joaquim Rodrigo era cego desde os cinco anos e o *Concierto* é um canto de amor.” Dados históricos à parte, é importante registrar também a performance perfeita da turma da cozinha nos improvisos.

E por falar em cozinha, vamos aos créditos: Bruno Repsold, no contrabaixo; Renato Endrigo, na bateria; Dudu Viana, no piano e na produção musical; Pedro Araújo, na guitarra e Walmer Carvalho, no sax. Galera da pesada! Luciano Tavares deu conta do recado na técnica do som; Marcus Vinícius, o Marquim Banzai, criou o visual da capa e Roberta aparece passando em frente a um portal, deixando escapar furtivamente as cores das formas de seu vestido; cores que se metamorfoseiam em um arranjo de uma planta que lembra claves musicais. Na contracapa, a cantora caminha por uma rua deserta e deixa para trás o arranjo como registro e presente por sua passagem, qualquer coisa de criação, o trigo do pão que alimenta e mantém acesa a chama da vida. No caso, pão que é arte musical.

Roberta Lima é só talento e já pode ocupar um lugar na galeria dos bons intérpretes. Seu disco nada fica a dever aos melhores trabalhos nacionais e internacionais disponíveis no mercado fonográfico. Junto a Dudu Viana, lega ao público uma obra definitiva, daquelas que servirão como referência a estudiosos e diletantes da música. Pena que o seu disco não revele canções inéditas, de autores inéditos. A moça, com a força de sua interpretação e a beleza de sua voz, pode contribuir com a sua parte, na luta para tirar o país do fosso cultural em que se encontra. Os bons compositores estão aí, aguardando a hora de ver seus

trabalhos virem a lume, cheguem ao público. Elis Regina fez isso, completando sua trajetória de sucesso e consumando o seu nome como a grande estrela de nossa música. Foi a Pimentinha quem revelou corajosamente nomes definitivos de nossa MPB, como Belchior, João Bosco, Renato Teixeira, entre outros. Esse também é o papel do artista: romper com a mesmice, com a pasmaceira, com a mediocridade geral. Roberta Lima já deu o primeiro passo, gravando o que há de bom, mas já posto para cantar. Agora, está na hora do garimpo, de revirar a terra que é sempre generosa, fecunda e repleta de preciosidades. Vamos lá, Roberta?

*Vanderlei Pequeno (Cataguases – MG)

Poema imposible

*Cláudio Sesín

Al final de la fiesta, lo inminente.

No fim da festa, o iminente.

La luna empequeñece lo pensado.

A lua faz pequeno o imaginado.

Hay ausentes cruzando la penumbra

*Há ausentes que cruzam a penumbra
y huellas del amor y destinos perdidos.*

marcas do amor e destinos perdidos.

Hay ausentes sin alma y nadie que reclame

*Há ausentes sem alma e ninguém que reclame
cuánto tiene la murte de abandono.*

o quanto tem a morte de abandono.

!Alegrarime, madre, madrecita!

Alegrarime, mamãe, mamãezinha!

!Cómo van a alegrarse corazones

*Como pode alegrar-se um coração
si el aguardiente es fuego entristecido!*

se a aguardente é fogo entristecido!

*Claudio Sesín (San Fernando Catamarca ARG)
Tradução de Anderson Braga Horta

Quatro décadas de poesia e resistência

*Ronaldo Cagiano

Nascido em São Paulo (1942), o poeta, prosador, crítico e jornalista Álvaro Alves de Faria publicou seu primeiro livro, *Noturno Maior*, em 1963. São mais de 45 anos de poesia celebrado no final do ano passado com a reunião de seus principais trabalhos na obra “Melhores poemas”,

organizado pelo professor Carlos Felipe Moisés e publicados pela Global Editora.

A vida e a obra de Álvaro confundem-se com a própria história recente de São Paulo. Poeta militante, para quem o engajamento não é símbolo de retórica ou envolvimento político-partidário, mas acima de tudo consciência ética e responsabilidade estética que sempre arremontou por meio de sua arte poética comprometida com a realidade existencial e social. Nos anos sessenta, quando o chumbo da ditadura empanava o horizonte e caía sobre as costas dos que ousavam enfrentar o estado de exceção, a falta de liberdade, a censura e as proscricções, Álvaro realizou publicamente no Viaduto do Chá, no centro da capital paulista suas dicções poéticas, movimento conhecido como *O Sermão do Viaduto*, que lhe valeu cinco prisões e mais tarde foi objeto de estudo da professora Nelly Novaes Coelho, da USP. Em 2003, a editora Escrituras reuniu seus 16 livros de poemas escritos até então no volume *Trajectoria Poética*.

Nos últimos anos, Faria vem publicando seus livros de poesia somente em Portugal. Essa mudança de rumos reflete não apenas uma atitude pessoal de volta às raízes familiares ou à compreensão da carga simbólica de sua ancestralidade lusitana, um influxo altamente proustiano de retomar o tempo perdido; mas, por outro lado, extravasa seu inconformismo diante da solene negligência dos editores, uma maneira também tão peculiar de fugir à insularidade ou à indiferença gritantes - e por que não dizer injusta e criminosa - com que o mercado editorial brasileiro vem tratando os nossos poetas, principalmente os de sua linhagem, cuja contribuição ao panorama da poesia contemporânea brasileira é indiscutível.

Reproduzimos alguns de seus melhores poemas, que atestam o vigor e a atualidade de sua palavra reflete sobre o que é essencial e humano, tanto na arte quanto na vida.

ESTAR

Esferográficas cortam palavras
no céu da boca, como facas:
assim, letras inertes cedem ao tempo
e calam sílabas agudas.

Pouco áspero
será o gomo de teu verso,
esse avesso do gesto,
a poesia na xícara de veneno.

Pouco o nítido sentir
o líquido
de teu pressentimento
como se fosse possível
calar para sempre.

Nada senão a gilete enfiada na pele,
a face neutra do olhar enfermo:
enfim a planta na raiz de teu pomar,
enfim
o fim da espera, do estar.

Para Lygia Fagundes Telles

*Wellington de Melo

Ao inventar os oceanos
não sabia das embarcações
nem de rumos
só de naufrágios inclementes.

Não sabia de rumos antigos
nos mapas derradeiros das viagens.
Sabia dos dias por nascer atrás das águas
em montanhas de gelo e de velas
mas não sabia de embarcações
nem de rumos
ao inventar os oceanos.

Só de naufrágios súbitos
desses de que não se escapa
nem há pedidos de socorro.

Não sabia ao inventar os mares
nem de aves que nas tardes
olham os abismos das âncoras.

Não sabia nem dos rumos
só de naufrágios de afogadas palavras
que não se compreendem.

A PESSOA CERTA

A pessoa certa atravessa
a rua com seu terno branco
gravata de seda italiana.

A pessoa certa
executiva de si mesma
atravessa a praça
com sapatos pretos
meias de náilon norte-americanas.

A pessoa certa entra no prédio
recolhe dinheiro
cola na pasta
pega o elevador.

A pessoa certa
atravessa o hall
chega à porta giratória.

A pessoa certa
põe o pé na calçada
e cai fulminada
sem saber por quê.

*Ronaldo Cagiano (São Paulo – SP)

BRASIL: Eu vi Gabriel cruzar Tel Aviv com um rastro flamejante e descer sobre a terra com a fúria de mil deuses vi o sorriso carbonizado das meninas de Rafah e seus dentes arranhando o asfalto derretido vi touros blindados banhando o Jordão com seu sêmen fecundando o sangue de sete mil virgens eu lambi as seis pontas da estrela eu rocei a palma da mão no fio minguante da lua eu assisti à cruz silenciosa no púlpito escarlate esbravejar baixinho eu vi as ruas inflamadas à meia-noite pelas novas lágrimas das últimas carpideiras eu vi um homem-bomba se masturbando diante do muro das lamentações maldizendo a chegada da hora fatídica vi o soldado dizendo amém ao apertar o botão vi o sol deitado nas colinas de Golã por seis dias e seis noites vi um muro que não cessa não cessa que avança sobre a luz da alvorada eu medi meu medo e vi que era bom então o dei de presente para os homens do deserto, para o peixe-ômega que me olha do altar empoeirado, para os deuses pagãos do shopping center, todos os deuses esquecidos, para os herdeiros de Auschwitz, para os desterrados de Gaza, todos os órfãos de Jerusalém eu vi minha dor de existir esparramada no sofá da sala eu me vi tecendo minha mortalha numa manhã ensolarada enquanto o mundo desabava eu me vi rasgando o que há de humano em mim eu temi o que há de humano em mim eu me vi enfim humano eu me vi

*Wellington José de Melo (Recife PE)

Sem caixão por favor

*José Antonio Pereira

Nasci de cabeça para baixo
brotando de humano ventre.

Permitam-me o caminho contrário.

Nada de brancos linhos
nem negras mortalhas.
Não me encaixotem.

Enterrem-me de pé e nu.

Deixem que a mãe Terra
reabrigue seu feto
em teu morno ventre.

*José Antonio Pereira (Cataguases – MG)

Segunda Conferência Livre da Juventude



Realizada em março, pela Fábrica do Futuro e o Instituto Cidade de Cataguases realizou-se 2ª Conferência Livre da Juventude. O evento teve como tema principal as políticas públicas para a juventude de Cataguases e contou com jovens do projeto de mobilização social Identificart, e do Ponto de Cultura AFFAS de Sabará. Entre os debatedores marcaram presença Kaká Viana e Cesar Piva, da Fábrica do Futuro; Frederico Eustáquio "NegroF", do NUC (Negros da Unidade Consciente) de Belo Horizonte, Leonardo Trielli, da Aracati, Agência de Mobilização Social de São Paulo.

Durante o evento, houve a entrega do Pacto com a Juventude, documento elaborado durante o 1º Fórum de Juventude Cultura e Cidadania e assinado pelos candidatos a prefeito, em setembro de 2008. O representante do prefeito eleito, recebeu o documento das mãos de Kaká Viana. O documento está disponível no site www.fabricadofuturo.org.br/identificart.



No dia 22 de março, os participantes se reuniram na casa abandonada da Rua Alferes Henrique de Azevedo, no centro da cidade, para uma intervenção criativa, política e cultural: foram grafitados o muro e os cômodos da casa com frases e desenhos de incentivo à cultura e juventude, simulando bibliotecas, salas de música, telecentros, galerias de arte. Tudo isso para sensibilizar a comunidade e o poder público quanto à importância daquele patrimônio, sua recuperação e seu destino. O ato chamou a atenção de muita gente ao longo de todo o dia, ganhando inúmeras manifestações de apoio. Uma frase marcante na entrada da casa deu o tom da ação: "dar vidaao espaço, a memória e ao futuro".



A casa morta

*José Antonio Pereira

Em antigas noites adolescentes
entre perfumes de mangas e teias de aranhas
pelas frestas do soalho...
Luzes.

Sedas, cetins, brancas coxas
Nevoas de franceses perfumes
brilha o corpo da jovem capricorniana.
Olhos gulosos se lambuzam
em orgias voieristas.

A memória fantasma o passado,
corre os quartos, porões e quintais
do velho casarão em cacós.

*José Antonio Pereira (Cataguases – MG)

Acho tristemente

*Zeca Junqueira

Quero estar errado em relação a já em ruínas casa da Rua Alferes, mas acredito que não tenha jeito mesmo: ela vai ao chão. A casa parece uma velha árvore que deu frutos e agora tomba no esquecimento porque vida afora tudo foi comido e bebido sem reverência e obesas e desmemoriadas ficaram muitas das almas que lá festejaram.

Mas não se rendam, meus sentimentais amigos escritores que querem salvar o imóvel, avante com seus sonhos! Vocês devem reunir todos os motivos que puderem, os

argumentos mais convincentes possíveis e apresentá-los ao poder público em prol da recuperação da velha casa: mas podem se preparar: o lirismo de vocês não vai sensibilizar em nenhum momento pessoas práticas para as quais tudo são COISAS. Vocês terão que batalhar. Como disse o saudoso Hélio Pellegrino, “um corretor de negócios imobiliários, do alto de sua prosápia contábil, é incapaz de descobrir, de graça, a curva suave de uma colina, seu verde crespo e claro – pura presença no mundo. As colinas são colinas e são meninas e como tais querem ser vistas”. Acho que a metáfora serve também para a casa da Rua Alferes - e até para a cidade. Vocês não percebem porque estão dentro demais, mas Cataguases está sendo transformada, ela também, num lugar de viração. É muita gente, é movimento sem sentido demais, eu sempre me deparo com um monte de nada quando aporto aqui.

Eu tenho avaliado o quanto me custa esse olhar poético com o qual insisto em abraçar o mundo, eu tenho sentido debaixo da chibata como é doloroso ser boa pessoa num contexto quase todo transformado num mercado de insanos, onde quem não tem nada para comprar ou vender é considerado refugio. Que olhar condescendente nos lançam os vendilhões quando nos descobrem poetas! “Ora, isso é apenas uma casa velha!”, dirão num gracejo a vocês os homens práticos da cidade.

O crescimento voraz e desordenado das cidades, consolidando o nosso desprezo pela tradição, a colocação de sucessivas máscaras ocultando o rosto do tempo de nossos lugares poderá ter um resultado nefasto num futuro bem próximo, quando gerações sucessivas correrão o risco de estar totalmente desmemoriadas, sem pontos de referência até das lembranças mais recentes. Talvez os integrantes dessas gerações não saibam mais quem são exatamente como sujeitos, uma vez que fatos concretos que constituem capítulos importantes de suas histórias pessoais estarão sendo substituídos rapidamente por estranhas versões, num processo de consumo chegado ao auge de sua insaciedade – e insanidade. Não tem jeito, a vida é feita fortemente pela referência da pedra, do barro, do tijolo, do chão, precisamos da permanência de alguma concretude pelo caminho para que possamos dar consistência aos nossos sonhos.

Acho que a casa da Rua Alferes vai cair. Acho que vocês brevemente passarão por essa rua onde eu tanto andei quando era menino e serão afrontados por um cemitério vertical, um prédio de apartamentos provavelmente lotado de zumbis que não estarão nem aí para os artistas e suas quimeras e que nem saberão que ali, bem ali, logo abaixo, jaz a casa da Rua Alferes e suas “antigas noites adolescentes entre perfumes de mangas e teias de aranhas”.

Acho que a casa da Rua Alferes vai cair e essa queda desinteressante e sem testemunhas já nos acomete de uma infante tristeza, a nós que acreditamos que todas as coisas são poesia em sua concretude, e que não se pode, assim tão grosseiramente, apagar versos de tão belo poema.

Mas se pode sim. Escarro, urina e merda, envoltos em esparso perfume, é o que damos a mancheias ao mundo.

Acho tristemente que a casa da Rua Alferes vai cair.

O máximo e as máximas de Machado de Assis

Reunindo o melhor de sua genialidade, apresentamos uma excelente oportunidade para conhecer mais o “Bruxo do Cosme Velho”. *O máximo e as máximas de Machado de Assis* é uma celebração ao escritor fluminense.

De maneira bem didática, o leitor encontra no livro as várias vertentes da obra de Machado. Há alguns poemas conhecidos e outros bem diferentes do traço de sua pena. Encontram-se também comentários e curiosidades sobre todos os romances e os trechos mais significativos de cada um deles, além de contos, crônicas e filmografia completa.

Este trabalho pode ser apreciado por professores, alunos e leitores, especialistas ou leigos, em sala de aula, no metrô, no ônibus, em casa ou na praia. Para quem nunca leu, ou pouco leu Machado de Assis, esta pode ser a ocasião para compreender a importância de Machado em nossa literatura. Para quem já é fã e leitor voraz, este trabalho é um roteiro para ratificar a essência do conjunto de sua obra. No livro, Andrey do Amaral convence o leitor de que Machado de Assis não se restringe a leituras obrigatórias, e sim a momentos prazerosos de leitura e reflexão. Mostramos um Machado humano, que subiu degrau por degrau e atingiu o ápice em sua carreira literária, começando com textos mais simples, chegando a obras geniais.

Leiam os livros da Cataletras:

“A Casa da rua Alferes e outras crônicas” dos autores: Emerson Teixeira Cardoso, José Antonio Pereira, José Vecchi de Carvalho e Vanderlei Pequeno.

“A Ilha do Horizonte” de Vanderlei Pequeno – Reunião de crônicas publicadas em vários jornais desde de 2002.

Se você quer adquirir entre em contato conosco:

chicos.cataletras@hotmail.com